

constitui sobre dois eixos distintos: o primeiro referente ao problema da língua e da escrita, explicitando a relação entre o dialeto utilizado nos tabletes em Linear B e o grego antigo, através da língua e da estrutura das epopeias homéricas, onde se estabeleceria uma sequência do micênico para o eólio e o jônio.

O segundo eixo se situa sobre as outras manifestações culturais micênicas, partindo da idéia de que a destruição dos palácios micênicos constitui o fim de um sistema e não de uma civilização (p. 585). Com tal observação, Haignanuch Sarian principia uma reflexão objetiva sobre alguns dos aspectos mais pertinentes da civilização micênica e da sua persistência no período posterior, notadamente quanto às práticas funerárias e à existência de santuários e divindades cujas raízes remetem a um substrato micênico que não se extinguiu no século XI a.C., mas que se assumiu novas formas no protogeométrico e no geométrico.

Tais comentários não chegam a resumir a extensão e o alcance desta obra, que acreditamos ser uma referência necessária para aquele que queira estudar a Idade do Bronze Egéia, na medida em que possibilita ao leitor uma compreensão criteriosa do período em questão, no que se incluem certos aspectos pouco comentados em estudos dessa natureza, como é o caso do quadro geográfico de Lucien Fougères (p. 81-109) e do capítulo referente ao Bronze Recente na Macedônia e na Trácia, de René Treuil (p. 556-566).

Referências Bibliográficas

TREUIL, R. - *Le Néolithique et le Bronze Ancien Égéens*. Paris, De Boccard, 1983.

DAVIS, J. - Cultural innovation and the minoan thalassocracy at Ayia Irini, Keos. In: HAGG, R. e MARI-

NATOS, N. (eds.) - *Minoan Thalassocracy: myth and reality. Proceedings of the 3rd International Symposium at the Swedish School of Athens*. Stockholm, Paul Astrom, 1984, p. 159-166.

ÁLVARO H. ALLEGRETTE
Pós-Graduação em
Antropologia Social
Departamento de Antropologia
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

LAFFINEUR, Robert (ed.) *Thanatos - Les Coutumes Funéraires en Égée à l'Âge du Bronze*. Actes du Colloque de Liège (21-23 avril 1986). *Aegaeum* (Annales d'Archéologie Égéenne de l'Université de Liège) 1, 1987, 245p, 59 pranchas.

Como o próprio título diz, o Colóquio de Liège foi dedicado aos costumes funerários egeanos durante a Idade do Bronze. Também comemorou, apesar do atraso de dez anos, o aniversário das descobertas de Henri Schliemann em Micenas (1876).

O tema abrange um domínio geográfico bem amplo e dois milênios de evolução cultural. Assim, também estão presentes o Neolítico, período que antecede, bem como o Submicênico, período subsequente, no âmbito cronológico. Geograficamente, foram incluídos trabalhos sobre Chipre, onde foram abarcadas suas relações com o Egeu e o Oriente, com a Babilônia para uma abordagem metodológica. Aí, além dos recursos arqueológicos, podem ser utilizadas as fontes escritas literárias já que, no âmbito da Idade do Bronze na

Grécia, os textos revelados pelos palácios minóicos e micênicos em Linear A e B são textos que se referem apenas à vida administrativa do palácio.

Ao lado das preocupações tradicionais concernentes ao estudo dos costumes funerários, como mobiliário (oferecidas), estrutura e tipologia dos túmulos, origem e evolução de suas formas, sua cronologia, os ritos de deposição e as manifestações do culto aos mortos, aparecem os novos interesses relativos a esses contextos como os aspectos socio-econômicos e sócio-políticos, a utilização das ciências da natureza, a utilização de novos métodos como inventarização e classificação informatizada dos dados.

Com estas preocupações em mente as comunicações do Colóquio querem, num primeiro momento, contribuir para uma melhor tomada de consciência dos diversos aspectos e das múltiplas implicações do contexto funerário egeano e, num segundo momento, estimular o interesse e as pesquisas. De uma forma geral, o Colóquio apresenta as diversas linhas de pesquisa e metodologias aplicadas à Idade do Bronze egeana, destacando-se o período micênico.

Este volume foi destinado, assim, a ser o número 1 de um novo periódico anual, *Aegaeum*, dedicado especificamente à arqueologia egeana. Fazem parte deste volume 23 artigos, referentes às comunicações apresentadas no Colóquio, mais 59 pranchas incluindo plantas, esquemas e fotos.

O primeiro artigo é de René Treuil e refere-se ao Neolítico (p. 11-13). Sua problemática reside no fato de que durante o Neolítico Antigo e Médio, a deposição dos mortos era levada a cabo no interior da zona construída (assentamento habitacional) e que, a partir do Neolítico Recente, as deposições eram feitas fora dos limites da aldeia o que dificulta sua localização. A partir das experiências obtidas através

de achados acidentais, sugere um método de prospeção para os túmulos e a utilização dos resultados obtidos. Ressalta a necessidade da utilização de um estudo geomorfológico, destinado a definir a natureza dos sedimentos acumulados a partir do Neolítico e a determinar a camada geológica na qual os túmulos teriam mais possibilidade de serem encontrados. Esse tipo de procedimento possibilita, segundo o autor, sugerir o caminho, a partir de épocas e regiões, da migração das sepulturas de dentro para fora do habitat, bem como seu agrupamento em cemitérios.

Em seguida, três artigos são dedicados à Idade do Bronze Antigo. Christos G. Doumas (p. 15-18) trabalha com a sociedade do Cicládico Antigo. Afirma que as práticas funerárias de sociedades antigas são manifestações concretas de crenças e atitudes concernentes à morte. Analisa 13 pontos: a inumação como regra, o cemitério e sua localização em relação ao assentamento, a orientação dos túmulos e sua organização no cemitério, o número de deposições em cada um, tipos distintos de túmulos, seu piso, sua forma de acesso, a posição do corpo, o mobiliário, os restos de deposições anteriores e estruturas relativas a cultos fúnebres. Como podemos notar, o autor mantém-se no âmbito das preocupações tradicionais dos estudos dos costumes funerários e assim conclui que a complexidade da sociedade do Cicládico Antigo não poderia ser revelada somente pelo estudo de seus hábitos funerários, mas estes certamente esclarecem alguns pontos.

A segunda comunicação referente à Idade do Bronze Antiga é de autoria de Adamantios Sampson (p. 19-28) e refere-se aos túmulos de Manika, os quais datam do Heládico Antigo, tratando-os do ponto de vista das condições sócio-econômicas da sociedade que os utilizou. Manika é uma grande necrópole da Eubéia onde o autor ana-

lisou diversos aspectos, desde a antropologia física até a sociedade estratificada, concentrando maior atenção no mobiliário dos túmulos. Apesar de tentar fazer ligações entre o mobiliário, sexo e posição social do morto, seus resultados não são tão bons quanto os de Christos Doumas no artigo anterior.

O terceiro artigo desse grupo pertence a Manolis Fountoulakis (p. 29-33) que também utilizou a necrópole de Manika na Eubéia, só que se limitando às práticas funerárias utilizadas no Heládico Antigo. Seu estudo baseou-se no material esquelético de 22 túmulos da parte Leste da necrópole. A característica mais marcante é que ocorrem modificações na maioria dos ossos, classificadas como marcas de corte, buracos e seções. Tais marcas foram entendidas, pelo autor, como operações precisas, feitas por especialistas, algumas horas após a morte do indivíduo com a finalidade de colocar o corpo na posição contraída, como ditava o costume. Contrapõe-se ao autor anterior o qual atribui tais marcas ao "*terror mortis*".

As seis comunicações seguintes são dedicadas aos costumes funerários em Creta durante a Idade do Bronze, sendo dois referentes à região de Messara, dois sobre Chrysolakkos, um sobre Mália e outro sobre a cerâmica encontrada em contexto funerário.

Frédérique Petit (p. 35-42) analisa detalhadamente os aspectos dos túmulos circulares da planície de Messara, detendo-se nos problemas de interpretação das peças anexas desses túmulos. Executa análise arquitetônica e do mobiliário, incluindo todo tipo de achado associando-os espacial e cronologicamente; levantando, a cada passo, hipóteses próprias ou remetendo-se a hipóteses levantadas por outros autores. Confirmando tais hipóteses ou constatando sua impraticabilidade, desenvolve o problema de forma mais que satisfatória, localizando no tempo a origem

dessas peças anexas e sua posterior expansão. Coloca nesses anexos a origem do túmulo-templo, não esquecendo as alusões, muito bem colocadas, ao culto funerário.

Keith Branigan (p. 43-51) também dedica seu artigo aos túmulos de Messara, fazendo inferências sobre o ritual a partir dos restos esqueléticos. Destaca a importância desses dados que, no seu ponto de vista, foi desprezado pelos pesquisadores, os quais não descreviam detalhadamente nem ilustravam, restringindo-se a análises sumárias e incompletas. Sua proposta é de estudar, pela primeira vez, a manipulação dos ossos pelas comunidades que utilizavam os túmulos de Messara. A partir de dados etnológicos sugere que os corpos desintegravam em lugar diferente e que as estruturas de Messara eram ossários. As formas de manipulação dos ossos atestadas são a fumigação, limpeza, agrupamento, remoção e quebra dos ossos. Conclui que essa manipulação coloca as deposições dos túmulos de Messara como ritos secundários, não constituindo um evento simples e unifásico mas um complexo processo que perdurou por um longo período de tempo.

Gisela Walberg (p. 53-60) analisa a cerâmica encontrada em contexto funerário, não se limitando a um sítio ou necrópole determinado mas abrangendo toda a ilha de Creta. Faz um apanhado geral, num primeiro momento, do que já havia sido feito. Conclui que os mesmos tipos aparecem em túmulos comuns em diferentes partes da ilha e destaca a contínua preferência por vasos grandes, ressaltando que a preocupação arquitetônica referente às estruturas sobrepôs-se à importância dos objetos que continham e seu papel no contexto funerário. Sua principal preocupação nesse artigo é determinar se a cerâmica é diferente em diferentes tipos de túmulos e em diferentes partes da ilha, se houve qualquer tipo de mudança significativa

durante a Idade do Bronze Antiga e Média e se é perceptível alguma preferência por uma forma determinada. Conclui que os mesmos tipos aparecem em túmulos comunais em diferentes partes da ilha e destaca a contínua preferência por vasos grandes. Não são detectadas preferências quanto a motivos específicos. Muitos tipos também foram encontrados em santuários o que indica uma relação entre os ritos fúnebres e os cultos em santuários. Um grande número de taças e jarras sugere libações e banquetes fúnebres e destacam-se as deposições em *lárnakes* e *plithoi*, sempre individuais. Deixa clara a importância do trabalho estatístico para a compreensão de situações em amplas áreas geográficas.

Os artigos que se seguem são dedicados a Chysolakkos. Claude Baurain (p. 61-73) expõe a problemática das necrópoles de Mália destacando que aí os mortos possuíam um domínio próprio, destacado da "terra dos vivos" e que se constituía da orla marítima (Ilha do Cristo e Chysolakkos). Conclui que não existem elementos suficientes que permitam avaliar o tamanho da população maliota e duvida da identificação do tetragono de Chysolakkos com uma necrópole, contrapondo suas posições às de Pierre Demargne e Henri van Effenterre. Veit Stürmer (p. 75-77) analisa a cerâmica e Gery de Pierpont (p. 81-93) tece uma reflexão sobre a destinação dos edifícios, esclarecendo que para entender-se Chysolakkos é necessário pesquisar a região setentrional de Mália, a cerâmica do Minóico Médio I - Minóico Médio II e reobservar mais atentamente as paredes das estruturas.

Passa-se então para uma série de nove artigos, todos dedicados à Idade do Bronze na Grécia continental e peninsular. O primeiro é de Ioannis e Eveline Loucas (p. 95-106) analisando um *tumulus* heládico na Beócia. Afirmam que a descoberta desse tipo de estrutura tumular com rico mobiliário funerário

no cume de uma colina, fato esse que se repetirá por toda a antiguidade, esclarece as origens sociais da formação das crenças religiosas do mundo grego.

Olivier Pelon (p. 108-116) faz uma análise da arquitetura funerária da Grécia continental na transição do Bronze Médio para o Bronze Recente. Sua problemática enfoca os túmulos em poço e as cistas, sendo que o primeiro deriva do segundo tipo. Considera que a estrutura funerária é o círculo tumular e seu conteúdo e não apenas os túmulos isoladamente. Isso determinaria sua originalidade, ou seja, um *tumulus* único para as sepulturas "reais". Ressalta sempre, contrapondo exemplos da Ática, Messênia e Fócida, o caráter original do complexo circular de Micenas. A tradição da cista meso-heládica perpetua-se, sem grandes mudanças, durante o período micênico. Adota, por fim, a forma da câmara tumular construída, ligada por sua vez ao advento de uma arquitetura monumental para as sepulturas reais e pelo novo costume de sepulturas familiares. Quanto aos túmulos em poço, ligados à prática dos *tumuli*, desaparecem para dar lugar à *thólos*. Constatada que a partir da concepção familiar da sepultura e segundo um status social particular a elite substitui o túmulo em poço pela *thólos* e a população substitui a cista pelas câmaras tumulares.

Robert Laffineur (p. 117-126) reanalisa os círculos tumulares de Micenas propondo dois objetivos: evidenciar as lacunas do conhecimento sobre os círculos e propor uma interpretação que esteja mais próxima das realidades do sítio e dos dados disponíveis.

O artigo de Nancy C. Wilkie (p. 127-136) versa sobre as *thóloi* de Nicória e suas peculiaridades: são muitas e utilizadas ao mesmo tempo o que prova que não pertenciam à mesma família mas a famílias diferentes, muito ricas. Constatada que a localização de *thóloi* está sempre ligada a estradas principais o

que parece ter sido comum tanto em Nicória como em Micenas, citando McDonald e Mylonas.

Thanasis J. Papadopoulou (p. 137-143) mostra um painel geral dos costumes funerários no Epiro, analisando 34 sítios que abrangem um período que vai de 1600/1580 a 1100 a.C.. Cinco observações resultaram de sua análise: só ocorrem inumações; o tipo rude e a relativa esporadicidade das oferendas funerárias poderiam representar um caráter conservador local e a pobreza dos habitantes dessa região durante a Idade do Bronze Recente; há continuidade por parte dos habitantes do Epiro no tocante ao sepultamento em cistas; a *thólos* aí encontrada deve ser vista como um elemento intrusivo, resultado de contatos com o Sul micênico e o uso dos *tumuli* é uma influência do Norte.

Litsa Kontorli-Papadopoulou (p. 146-160) destaca algumas peculiaridades das câmaras tumulares micênicas e busca suas razões. Quando próximas da *thólos* apresentam características semelhantes a estas: planta circular, domo cônico, grandes dimensões. Foram constatadas poucas câmaras anexas e apenas quatro possuem a câmara dividida por uma parede. Os poços no interior da câmara são raros e profundos. Os *stómia* são bloqueados, bem como os *drómoi*. As principais razões dessas peculiaridades são a economia de esforço ou a natureza da pedra na imitação de *thóloi*; a influência de outros tipos de túmulo em outras áreas do Egeu ou mesmo tradições locais independentes. O bloqueio dos acessos (*stómion* e *drómos*) resulta do medo de saques, crenças religiosas e ritos funerários.

William G. Cavanagh (p. 161-169) também trata das câmaras tumulares determinando quatro fatores que regem o desenho da planta: a) fator geográfico e geológico, b) fator social, c) moda e d) função. Conclui que a função determinava o tamanho e a durabilidade que

o túmulo deveria apresentar, também determinando a forma em termos de ritual funerário.

James C. Wright (p. 171-184) pretende usar idéias atuais nos estudos funerários para examinar o grau em que o simbolismo foi utilizado nos funerais em Micenas, particularmente como se desenvolveu na complexidade social e política. Constata que o status social do morto, sua persona, varia diretamente em relação a seu status em vida e as relações de status social do morto com o grupo ao qual pertencia. As estruturas funerárias apresentam, então, um caráter simbólico como representações de grupos sociais horizontais (clãs) com a *thólos*, como exemplo da camada superior de cada grupo. Também como reflexo de poder político àquele que se aproximava da cidadela de Micenas: somatória da arquitetura monumental e da iconografia monumentalizada. As mudanças na alvenaria da *thólos*, além de uma evolução técnica, foi necessária pelas mudanças na estrutura social de uma forma primitiva (chefia), a qual enfatiza as ligações no grupo social, para uma forma mais complexa (primitiva forma de Estado) com uma extensão administrativa, aparato ideológico governamental baseado num território mais amplo.

Pascal Darcque (p. 185-205) estabelece condições para que as *thóloi* possam confirmar-se como túmulos reais: é o primeiro a afirmar que os textos em Linear B, a escrita micênica, deveriam, ao menos, comprovar um sistema monárquico de poder. Além disso, alguns aspectos arqueológicos deveriam ser verificados com mais atenção como riqueza e abundância dos mobiliários, localização das *thóloi* nos cemitérios e em relação a outras construções de caráter "real". Apesar de levantar aspectos importantes e ressaltar a necessidade da utilização do Linear B, não chega a conclusões limitando-se a afirmar que, pela sua disposição a *thólos* estaria ligada ao pa-

lácio mas que só pode simbolizar a civilização micênica no âmbito geográfico e cronológico, afirmando que esta civilização é bem mais fraca e sua difusão bem menor do que se imaginava.

A última parte é dedicada a referências ao Submicênico, onde são apresentados trabalhos sobre as influências egeanas em Chipre e outro, mais abrangente, sobre os costumes e ritos funerários na Babilônia, grande exemplo da utilização conjunta de textos e dados arqueológicos.

Robin Hägg (p. 213-217) discorre sobre a ocorrência de recipientes cerâmicos quebrados, cujos fragmentos foram colocados sob ou sobre o morto. Descreve vários exemplos em Chipre (Lapithos, Vounous e Aios Iakovos), Ras Shamra, Dendra, Ática, Tessália durante todos os sub-períodos da Idade do Bronze. Constata que a repetição da prática pode sugerir um rito funerário.

Karin Niklasson-Sönnnerby (p. 219-225) analisa a mudança na utilização das câmaras tumulares cipriotas para o que ela chama de túmulos em poço ocorrida num período conturbado da ilha. Conclui que a mudança da localização do túmulo, do cemitério para dentro da habitação sugere uma impossibilidade de levar o morto para fora do assentamento o que leva à hipótese de sítio prolongado ou epidemia.

Já Frieda Vandenabeele (p. 227-234) estuda propriamente as influências egeanas em Chipre perceptíveis principalmente na planta e arranjo das câmaras tumulares. Fazendo uma retrospectiva das publicações da década de 70, quando um novo impulso foi dado à arqueologia cipriota, ficou comprovado que os costumes funerários de influência micênica foram introduzidos no final do Cipriota Recente III B e permaneceram até o Cipriota Arcaico, configurando-se um contato egeano no século XI a.C.. Sua origem deve ser procurada, segundo a autora, no Leste da Ática, nas Cíclades, em

Creta e no Dodecaneso. Contudo a amplitude e o impacto dessa última invasão de Chipre durante a Idade do Bronze Recente continuam obscuros.

Por último André Finet (p. 235-244) discorre sobre os eventos que envolviam o morto e não a morte na Babilônia. Sua importância é metodológica já que oferece uma demonstração efetiva da utilização de dados arqueológicos e epigráficos no entendimento de uma civilização passada.

Dentro de sua proposta, esta é, sem dúvida uma obra plena de opiniões e abordagens diversas, que deve ser analisada por todos aqueles que se interessam pelos diferentes aspectos dos costumes funerários já que apresenta de forma clara as novas linhas de pesquisas voltadas para outros aspectos além dos meramente formais ou materiais dos túmulos.

ANA CLAUDIA TORRALVO
Pós-graduação em
Antropologia Social
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

ZAIMAN, Louise Bruit &
SCHMITT-PANTEL, Pauline. *La religion grecque*. Paris: Armand Colin, 1991. 190p.

A editora Armand Colin lançou, em 1991, a segunda edição revista de *La religion grecque dans la cité grecque à l'époque classique*, da autoria de Louise Bruit Zaidman e Pauline Schmitt-Pantel, professoras de História antiga das Universidade de Paris VII e Amiens, respectivamente. Integrado à coleção "Cur-